

ADOLESCENTES ESCOLARES, ENVOLVIMENTO EM OCUPAÇÕES E
PERSPECTIVAS DE FUTURO: A REALIDADE ENCONTRADA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA

Maria Paula Panúncio-Pinto
Arieli Savoldi Milani

Universidade de São Paulo
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

RESUMO

Introdução: a adolescência é uma fase do desenvolvimento marcada por profundas mudanças anatômicas, psicológicas e sociais, sendo que essas transformações são influenciadas pelo ambiente familiar, cultural e social. Os adolescentes de comunidades menos favorecidas são mais vulneráveis a determinados riscos, ou seja, as inequidades sociais acabam influenciando seu envolvimento em ocupações, prejudicando assim a sua saúde; bem-estar e participação social. O olhar da terapia ocupacional sobre o sentido atribuído às ocupações pode auxiliar no diagnóstico e na intervenção com adolescentes de comunidades periféricas, uma vez que a Terapia Ocupacional visa capacitar os sujeitos para realizar suas atividades, independentemente de qualquer lesão, doença, condição, deficiência, estilo de vida, ou ambiente em que esteja inserido. **Objetivo:** este trabalho, que é um recorte de estudo maior, teve como objetivo explorar o universo ocupacional de adolescentes de uma escola pública buscando compreender os significados atribuídos às ocupações de educação, participação social e lazer; a percepção dos adolescentes sobre a importância da escola para o seu futuro/projeto de vida e as ocupações significativas do ponto de vista dos adolescentes (na escola, na família e na comunidade). **Método:** pesquisa de caráter descritivo-exploratório, com abordagem predominantemente qualitativa. Participaram seis adolescentes escolares, do sexo feminino que cursam o ensino médio em escola pública na periferia de Ribeirão Preto/SP. Dados foram colhidos pela realização de mapas corporais, atividade narrada pelas participantes (gravada em áudio e transcrita na íntegra) que resultou num produto concreto (atividade expressiva). Narrativas foram analisadas em seu conteúdo. **Resultados:** Em relação à caracterização sociodemográfica, obtivemos que 05 adolescentes vivem em famílias monoparentais e 04 delas pertencem a famílias com renda familiar per capita de até 02 salários mínimos. As categorias temáticas, definidas à priori pelo roteiro da narrativa permitiram quantificar (1) Ocupações que realizam; (2) Perspectivas Futuras; (3) Importância do aprendizado; (4) Oportunidades oferecidas pela escola e (5) Sugestões para melhorar o ambiente escolar. **Conclusão:** as adolescentes apresentaram dificuldade para envolver-se na atividade de construção dos Mapas Corporais; bem como em suas narrativas, levando a resultados empobrecidos e, em alguns momentos, esvaziados de significados; com limitada perspectiva de futuro e envolvimento pobre nas ocupações em questão.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; adolescentes escolares; vulnerabilidade social; ocupações significativas; perspectivas de futuro

1. Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior que está investigando a aprendizagem como ocupação no contexto de uma escola pública de periferia. Desenvolveu-se a partir de projeto de cultura e extensão universitária, que consiste em intervenções com adolescentes escolares, com idades de 12 a 18 anos, do sexto ao nono ano do ensino fundamental e nos três anos do ensino médio. Nesta etapa da pesquisa exploramos o envolvimento em ocupações para adolescentes do ensino médio, com ênfase nas ocupações da educação, do lazer e da participação social. A partir do olhar da Terapia Ocupacional, é possível explorar o universo ocupacional dos adolescentes e obter seu ponto de vista sobre a instituição escolar, a importância da escola para o seu futuro e projeto de vida, o significado atribuído às ocupações desenvolvidas no ambiente escolar, na família e na comunidade.

A Terapia Ocupacional é uma profissão que visa capacitar as pessoas a viver em sua plenitude. Para Terapeutas Ocupacionais, uma vida plena significa a possibilidade de envolvimento em atividades que a pessoa deseja e/ou precisa fazer, não importando as condições sociais, de saúde, estilo de vida, ou ambiente em que se encontra. Da perspectiva da Terapia Ocupacional as atividades humanas do dia-dia são chamadas de *ocupações*, e elas são os blocos de construção da nossa saúde física, psicológica, emocional e espiritual (USA, 2014). Neste trabalho, vamos abordar o envolvimento e o significado das ocupações para adolescentes escolares de uma comunidade periférica.

Nesse sentido, a título de introdução, abordaremos inicialmente as ocupações estudadas neste trabalho: a educação, o lazer e a participação social; em seguida alguns aspectos da adolescência como período peculiar do desenvolvimento e algumas questões envolvendo a vulnerabilidade e as iniquidades sociais.

1.1 Educação como ocupação

A fase escolar é marcada por grandes aquisições intelectuais, que encaminha o ser humano à racionalidade e ao pensamento lógico, tornando-o mais consciente da realidade que o cerca, por tanto o aprendizado é um processo gradual no qual o adolescente vai se capacitando e seguindo uma sequência lógica (PIAGET 1975, 1980).

Além disso, os eventos que ocorrem nessa fase têm o poder de interferência direta sobre o comportamento, pensamento e personalidade dos estudantes adolescentes, maximizando a importância de um desenvolvimento saudável nessa fase.

A educação, pensada como área de ocupação, refere-se às atividades necessárias para a aprendizagem e para a participação no ambiente e incluem a participação na educação formal, em nível acadêmico (operações matemáticas, leitura, aquisição de titulação), em nível não acadêmico (recreio, refeitório, corredores), em nível extracurricular (esportes, bandas, dança) e em nível de participação vocacional. Dentro da ocupação “educação” consideram-se as necessidades ou interesses educacionais pessoais informais (exploração de interesses, desenvolvimento de habilidades) e a participação pessoal em atividades educacionais informais em áreas de interesse (AOTA, 2010).

1.2 Lazer ocupação

Parham & Fazio¹ (1997, apud AOTA, 2010) definem o **lazer** como *atividade não obrigatória, intrinsecamente motivada e desempenhada durante o tempo livre, ou seja, no tempo não comprometido com ocupações obrigatórias como trabalho, auto-cuidado ou sono* (p. 250). O lazer inclui atividades exploratórias (identificação de interesses, habilidades, oportunidades e atividades de lazer apropriadas) e a participação em lazer (planejar e participar em atividades apropriadas de lazer; manter equilíbrio entre o lazer e outras áreas de desempenho; obter, usar e manter equipamentos e materiais de maneira adequada) (AOTA, 2010).

1.3 Participação social como ocupação

MOSEY² (1996, apud AOTA, 2010) definem **participação social** como *padrões de comportamento organizados que são característicos e esperados de um indivíduo ou de uma dada posição dentro do sistema social* (p.340).

Inclui-se como participação social o envolvimento em atividades que resultem em interações sucedidas no nível comunitário, em atividades que resultam interações sucedidas em papéis familiares específicos desejados e/ou requeridos e em atividades de níveis diferentes de intimidade, incluindo o envolvimento de desejo sexual (AOTA, 2010).

1.4 Adolescência: um período peculiar do curso de vida

A maneira moderna de olhar para as crianças é uma transformação cultural na sociedade tradicional. Assim, a infância foi sendo vista como uma preparação da criança para a vida adulta e isso inevitavelmente força a invenção da adolescência, que é um derivado contemporâneo da infância moderna (CALLIGARIS, 2000).

A adolescência é um estágio de início e duração variáveis. Fica situada entre a infância e a idade adulta. É caracterizada por profundas mudanças no desenvolvimento biológico, psicológico e social. O início da adolescência em algumas culturas é marcado por ritos de passagem que envolvem testes de força e coragem. Já nas sociedades tecnologicamente mais avançadas a mudança da adolescência para a idade adulta não é claramente definida. Assim, o adolescente passa por um conflito mais prolongado para atingir a situação de adulto. Dessa forma, como seu início não é bem definido, seu final também não será. Ocorrem variações de acordo com a cultura, utilizando indicadores como a independência financeira, o casamento, a entrada para o mercado de trabalho, entre outros (KAPLAN;SADOCK;GREBB,1997). Porém isso é muito conflituoso, pois mesmo com o aprendizado mínimo estar solidamente assimilado, seus corpos estarem maduros e possuírem força para o trabalho ainda assim não são considerados adultos e não podem assumir todas as tarefas reservadas a essa população (CALLIGARIS, 2000).

A adolescência pode ir dos 11 ou 12 anos até mais ou menos 20 anos. O início ou término podem variar e não são muito bem definidos, mas em geral considera-se que a adolescência tem início com a puberdade (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Existem outros critérios para definir a adolescência em termos de sua duração, sendo que no Brasil

¹ PARHAM, L. D.; FAZIO, L. S.(eds) *Play in occupational therapy for children*. St Louis: Mosby, 1997.

² MOSEY, A. C. *Applied scientific inquiry in the health professions: An epistemological orientation* (2nd). Bethesda, MD: **American Occupational Therapy Association**, 1996.

padronizou-se utilizar o critério legal definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que define que a adolescência inicia aos 12 anos e finaliza aos dezoito (ECA – BRASIL, 1990).

Assim, a adolescência é uma fase do desenvolvimento marcada por profundas mudanças anatômicas, psicológicas e sociais, que ocorrem na transição entre a infância e a vida adulta. Além dessas transformações essa fase também é influenciada pelo ambiente familiar, cultural e social.

Inúmeros estudos confirmam a hipótese que a adolescência é um período em que ocorre um maior número de eventos, tanto normativos quanto não normativos, sendo este considerado um período de grande vulnerabilidade. Além disso, há estudos mostrando que jovens de comunidades menos favorecidas são mais vulneráveis a determinados riscos, incluindo problemas psicológicos e emocionais, desempenho acadêmico pobre e uso de drogas (PANUNCIO-PINTO; CUNHA, 2007)

Por isso, existe uma necessidade de práticas visando essa população, as quais devem estar voltadas para ações de educação, prevenção e promoção de saúde, estimulando o participação ativa na vida através da realização de ocupações significativas, visando a qualidade de vida desses adolescentes.

2. Objetivos

Objetivo Geral

Explorar o universo ocupacional de adolescentes de uma escola pública.

Objetivos Específicos

Identificar a percepção dos adolescentes sobre a importância da escola para o seu futuro/projeto de vida;

Identificar as ocupações significativas do ponto de vista dos adolescentes (na escola, na família e na comunidade).

3. Materiais e método

O presente estudo foi desenvolvido com caráter descritivo-exploratório, adotando abordagem predominantemente qualitativa. Todos os estudantes de ensino médio da escola em questão foram convidados a participar. Os que aceitaram foram abordados individualmente para responder a um questionário com seus dados pessoais e familiares, para identificação e caracterização sócio demográfica parcial. Para obtenção dos dados, além da realização do questionário de identificação foram realizados mapas corporais narrados a fim de explorar seu universo ocupacional.

Os mapas corporais podem ser definidos como imagem do tamanho real do corpo humano, enquanto mapeamento corporal é o processo de criação, através de utilização de desenho, pintura ou outras técnicas baseadas em arte que representam visualmente os aspectos de vida das pessoas, seus corpos e do mundo em que vivem. (GASTALDO *et al.*, 2012).

3.1 Universo de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola de rede pública de Ribeirão Preto, com estudantes do Ensino Médio.

3.2 Sujeitos

Por tratar-se de um estudo exploratório, de caráter qualitativo, utilizamos o critério de fechamento amostral será por saturação teórica, o qual é definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos apresentam redundância ou repetição (DENZIN; LINCOLN, 1994). Trata-se, portanto de amostra não probabilística, que deve considerar o critério de homogeneidade fundamental da amostra (MINAYO, 2004; TURATO, 2003). Portanto o critério de homogeneidade da amostra será considerado a partir do ano da série em que os adolescentes se encontram.

3.3 Procedimentos

O processo de coleta de dados para esta pesquisa constituiu-se inicialmente por um formulário de identificação dos adolescentes, que foi preenchido em conjunto com o apoio do pesquisador.

Após o preenchimento do formulário de identificação, adolescentes foram convidados a construir o mapa corporal. Devido às características da população e desta faixa etária optamos por abrir mão dos mapas individuais e propusemos que os mesmos fossem construídos em duplas. Tal estratégia ampliou as possibilidades de comunicação e interlocução. Igualmente, devido às características dos adolescentes e da escola (cronograma confuso; muitas faltas dos adolescentes; períodos de recesso) optamos por realizar uma sessão de construção dos mapas, com a narrativa ao longo da construção e ao final da sessão. A construção dos mapas abordaram os aspectos ocupacionais da vida presente dos adolescentes.

Nas sessões foram abordados temas sob a perspectiva dos adolescentes em relação à aprendizagem como ocupação, a importância atribuída à escola e as atividades significativas exercidas pelos adolescentes na escola, em casa e na comunidade. Durante as sessões de construção dos mapas, adolescentes foram estimulados a representar visualmente esses aspectos utilizando slogan, mensagens, desenhos, imagens para criar seus mapas corporais. Igualmente, foram discutidos os símbolos apresentados, pois cada elemento do mapa possui um único sentido para cada sujeito (GASTALDO *et al*, 2012).

Ao longo da sessão única, o adolescente foi ouvido em relação ao que ele colocou no mapa, com breve narrativa sobre sua história de vida. Esse testemunho fornece uma ampla descrição sobre a vida da pessoa dando contexto para seu mapa corporal e garante que o foco da pesquisa seja mantido, nesse caso, o significado da escola e das outras ocupações para os adolescentes.

Análise dos dados

As sessões de mapeamento corporal foram gravadas e transcritas na íntegra, analisadas em seu conteúdo (BARDIN, 2011; MINAYO, 2004), a partir de categorias dadas *a priori* pelo roteiro que guiou a construção dos mapas (atividades realizadas na escola, família e comunidade; significado da escola para o futuro e o projeto de vida). No caso particular dos mapeamentos corporais, eles foram analisados em sua integridade, incluindo o processo de criação, o próprio mapa do corpo e as narrativas que o acompanham, conforme indica a literatura.

Como mencionado, nessa investigação, foi adotada metodologia do tipo descritivo-exploratório, utilizando a análise de conteúdo como estratégia de identificação de categorias, as quais foram quantificadas quanto à frequência de sua ocorrência. A análise de conteúdo auxilia identificação de temas recorrentes e é “*um conjunto de técnicas de análise das*

comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (BARDIN, 2011). Portanto, é utilizada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real, “*visando ultrapassar o senso comum e o subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica em relação à comunicação em entrevistas”* (MINAYO, 2004, p.203).

4. Resultados e discussão

Participaram do estudo 06 adolescentes do ensino médio, do sexo feminino.

Em relação à caracterização sócio demográfica, obtivemos que 05 adolescentes vivem em famílias monoparentais e 04 delas pertencem a famílias com renda familiar *per capita* de até 02 salários mínimos (BRASIL, 2007). Os dados sócio demográficos apontam para uma semelhança na constituição familiar entre as participantes, constata-se que três são criadas apenas pelas mães, com a prevalência de trabalhos autônomos nessas famílias.

Em relação ao material produzido as categorias temáticas, definidas à priori pelo roteiro da narrativa permitiram descrever e quantificar (1) Ocupações que realizam; (2) Perspectivas Futuras; (3) Importância do aprendizado; (4) Sugestões para melhorar o ambiente escolar e (5) Oportunidades oferecidas pela escola. A Tabela 1 apresenta a síntese das categorias, com sua frequência de ocorrência e a definição das subcategorias que as definem.

Como é possível perceber ao olhar para a Categoria Temática 1- Ocupações que realizam, a análise de conteúdo revelou que as adolescentes têm pouco ou nenhum envolvimento com atividades de natureza cultural, com oportunidades limitadas de lazer (embora a ocupação de participação social tenha sido a mais citada nas sessões, refere-se a atividades simples e pouco elaboradas). Assim, em relação ao Universo Ocupacional, podemos arriscar a ideia de empobrecimento e falta de oportunidades de atividades culturais na comunidade. Isso pode ser um reflexo da condição social (desigualdades, iniquidades inerentes a fazer parte de uma comunidade pobre e periférica).

Quanto à Categoria Temática 2 - Perspectiva de futuro, foi possível perceber que as adolescentes sonham e desejam um bom futuro, como ingresso na Universidade, inserção no mundo do trabalho e constituição de família. Contudo, não parecem ter consciência das estratégias necessárias para atingir seus objetivos. Como as narrativas não permitem identificar um *link* entre o agora e o futuro, novamente aparece um esvaziamento de sentido preocupante. Ainda sobre esta categoria, chama a atenção o peso conferido aos bens materiais (casa, carro, sucesso). A realidade encontrada parece ser reflexo da forma como a ideia de futuro (*não*) é abordada na escola.

Em relação à Categoria Temática 3 – Importância da aprendizagem/escola, percebe-se que o reconhecimento da importância da escola e de aprender, é apresentado de forma superficial, através de palavras soltas que sequer nos permitiram compor sub categorias elaboradas. Essa mesma tendência pode ser identificada em todas as categorias temáticas. Assim, embora a escola seja, no discurso, identificada como importante, a aprendizagem como ocupação significativa não aparece nas narrativas. Da mesma forma, ao serem estimuladas a refletir sobre as oportunidades presentes na escola – Categoria Temática 5, são apresentadas palavras soltas e esvaziadas de sentido. O mesmo padrão pode ser observado quanto à Categoria 4 – Sugestões para melhorar a escola.

As ocupações realizadas em casa, na família e na escola são citadas de forma superficial, sendo difícil identificar seu sentido para as adolescentes. Novamente nos perguntamos se o esvaziamento de sentido é uma marca desses tempos em que vivemos, onde tudo é *fast* e imediato, ou se pode ser um reflexo da condição social.

Tabela 1: Categorias temáticas

CATEGORIA TEMÁTICA 1	Frequência
OCUPAÇÕES QUE REALIZA	33
<i>Participação Social (sair com amigos, família, balada, rede social, conversar, namorar)</i>	
<i>Lazer (viajar, maquiagem, dançar, ouvir musica)</i>	
<i>Educação (cursos)</i>	
CATEGORIA TEMÁTICA 2	Frequência
PERSPECTIVAS DE FUTURO	18
<i>Faculdade, família, carro, casa, independência, sonhos, sucesso</i>	
CATEGORIA TEMÁTICA 3	Frequência
IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM/ESCOLA	16
<i>Tudo, futuro, conhecimento, alcançar objetivos, dar um passo a frente, fora e dentro da escola, forma de comunicação, arrumar emprego, oportunidade, sucesso</i>	
CATEGORIA TEMÁTICA 4	Frequência
SUGESTÕES PARA MELHORAR A ESCOLA	12
<i>Alimentação, segurança, esportes, biblioteca, alunos, aulas de comunicação</i>	
CATEGORIA TEMÁTICA 5	Frequência
OPORTUNIDADES OFERECIDAS PELA ESCOLA	11
<i>Esportes, atividades extras, aprendizado, futuro, brincar, amigos</i>	

De maneira geral, é importante considerar que as adolescentes envolvidas neste estudo apresentaram limitado envolvimento em ocupações, e dificuldade de atribuir sentido às atividades realizadas na escola, e em outros contextos.

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2001) tem reconhecido que a saúde pode ser afetada pela incapacidade em realizar atividades e participar de situações de vida. A saúde é promovida e mantida quando os sujeitos são aptos para engajarem-se em ocupações e atividades que permitam uma participação desejada e necessária em situações de vida em casa, na escola, no trabalho e na comunidade (AOTA, 2014).

Neste caso, as barreiras para o engajamento em atividades significativas, que garantam um maior protagonismo das adolescentes, podem estar relacionadas ao contexto social onde estão inseridas: comunidade periférica, com histórico de violência e poucos recursos locais para lazer e educação. A escola em questão possui um histórico de violência entre estudantes, com relatos pela mídia de brigas entre adolescentes, sendo que os estudantes provêm de bairros periféricos, com grandes áreas de favelas, histórico de violência e envolvimento com o crime organizado, principalmente tráfico de drogas. De acordo com a Diretoria Regional de Ensino de Ribeirão Preto, são desenvolvidas ações de prevenção e combate à violência, contando com parceria de pais e da Polícia Militar (A CIDADE, 2014).

As intensas desigualdades sociais que são flagrantes na sociedade brasileira colocam uma parcela considerável dos nossos adolescentes em situação de vulnerabilidade social, inseridos em contextos de pobreza, não acesso aos direitos fundamentais e violência; vivenciando alterações nos papéis sociais e ocupacionais em seu cotidiano e desenvolvendo-se em ambientes com ausência de figuras e apoios significativos (BERGER, 2003; MOREIRA; QUEIROZ, 2005).

A realidade vivida pelos adolescentes fora da escola afeta a forma como os mesmos a percebem e vivenciam. Além disso, adolescentes de comunidades menos favorecidas são mais vulneráveis a determinados riscos, ou seja, as iniquidades sociais acabam influenciando suas ocupações, consequentemente prejudicando seu bem-estar e participação social, na escola e fora dela. Ao longo da adolescência, a escola pode ser o local da transformação da realidade social e das oportunidades de construir um projeto de vida que altere a história das famílias, sua trajetória de pobreza e exclusão social. Contudo, os resultados encontrados nos levam a perguntar: porque a escola parece não ocupar este lugar?

Outras etapas do estudo maior no qual este trabalho se insere, irão ouvir professores utilizando-se da mesma abordagem. Além disso, estamos dando continuidade à pesquisa na mesma escola para ampliar a participação de adolescentes, além de incluir também no estudo adolescentes e professores da rede particular.

5. Considerações Finais

A dificuldade apresentada pelas adolescentes para envolver-se na atividade de construção dos mapas corporais, bem como em suas narrativas (atenção, reflexão, manuseio dos materiais oferecidos, argumentação e expressão de sentimentos e opiniões) levaram a resultados empobrecidos e, em alguns momentos, esvaziados de significados.

Embora a amostra seja pequena, resultados seguiram a mesma perspectiva para as 03 sessões de mapa corporal, o que para nós indicou saturação teórica. Entretanto, a proposta é continuar dando voz aos adolescentes, buscando ampliar a amostra e melhorar a produção de variáveis sócio demográficas para compreender melhor o contexto de vida desses estudantes, além de ouvir também os meninos.

De qualquer forma, os resultados apontam para a urgência de intervenções no contexto escolar, seja com adolescentes, seja com professores para a ressignificação das experiências cotidianas, valorização do papel da escola na construção do futuro, entre outras ações ligadas a atribuição do sentido e desenvolvimento de oportunidades para o envolvimento em ocupações.

6. REFERÊNCIAS

A CIDADE. Jornal EPTV. Ribeirão Preto, 07 de abril de 2014. Disponível em: <<http://www.jornalacidade.com.br/noticias/cidades/NOT,2,2,940574,Video+mostra+briga+de+estudantes+em+escola+estadual+de+Ribeirao+Preto.aspx>>. Acessado em 14 de outubro de 2004

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Therapy Practice Framework: domain and process (2nd ed) **Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext. Uberaba – MG**, v.3. n.1, jul./dez. 2010 (p. 57-147)

AOTA. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process (3rd Ed.) **American Journal of Occupational Therapy**, March/April 2014, Vol. 68, S1-S48. doi:10.5014/ajot.2014.682006

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2011.

BERGER, K. S. Adolescência: o desenvolvimento biossocial. In: _____. O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

BRASIL. **Decreto 6135**. Cadastro único para programas sociais. Brasília, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei Federal 8069/90. Brasília, 1990.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Thousands Oaks: Sage Publications, 1994.

GASTALDO, D. et al. **Body-Map storytelling as research**: methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping. Toronto: [s.n.], 2012.

KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J.; GREBB, J.A. **Compêndio de Psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Trad. Dayse Batista – 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª. ed. São Paulo:Hucitec, 2004

MOREIRA, E. M.; QUEIROZ, T. C. N. Juventude e cultura em comunidades precarizadas: a difícil construção da cidadania. In: ALVIM, R.; QUEIROZ, T.; FERREIRA JÚNIOR, E. (orgs.). **Jovens e juventude**. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005. p. 51-64.

PANÚNCIO-PINTO, M.P.; CUNHA, L.M.V.R. Atenção ao adolescente. In: AMORIM, D.S.;ALESSI, N.P.;GATTÁS,M.L.B. **Práticas interdisciplinares na área da saúde**. Ribeirão Preto: Hollos, 2007.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W., FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8 ed. Tradução de Daniel Bueno. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2006.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: INL, 1975.

TURATO, E.R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International classification of functioning, disability and health**. Geneva, 2001.